



222

RAMÍREZ, Mario Teodoro. **El nihilismo mexicano: una reflexión filosófica**. Mexico: Bonilla Artigas Editores, 2022, 272p [ISBN: 978-607-88-3838-7]

CENÁRIOS DO NIILISMO NO MÉXICO: IMPASSES E SUPERAÇÕES

Claudinei Aparecido de Freitas da Silva¹

Entre outubro e novembro de 2022, um trabalho de tamanho fôlego sai do prelo na cena cultural e intelectual mexicana. Trata-se de *El nihilismo mexicano: una reflexión filosófica* de autoria de Mario Teodoro Ramírez vindo a lume pela Bonilla Artigas.

¹ Professor dos cursos de Graduação e de Pós-Graduação (Stricto Sensu) em Filosofia da UNIOESTE – Campus Toledo. Escreveu “A carnalidade da reflexão: ipseidade e alteridade em Merleau-Ponty” (São Leopoldo, RS, Nova Harmonia, 2009) e “A natureza primordial: Merleau - Ponty e o ‘logos do mundo estético’” (Cascavel, PR, Edunioeste, 2010; 2019). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9321-5945>. Email: cafsilva@uol.com.br

Fenomenólogo de formação e profundo conhecedor da filosofia de Maurice Merleau-Ponty que, aliás, esteve no México, em 1949 [Cf. Merleau-Ponty, M. *Conférences en Amérique, notes de cours et autres textes Inédits II (1947-1949)*. Sesto San Giovanni: Mimésis, 2022, 786p], ministrando conferências sob a curadoria de Luis Villoro, Ramírez projeta, nessa obra, um espectro geral de suas últimas reflexões em torno daquilo que ele próprio aposta como posição filosófica: o “realismo”. Fato é que o tema de fundo do livro – o niilismo mexicano – ecoa a inquietude de um questionamento capaz de transcender um interesse tecnicamente filosófico. Senão vejamos.

O livro parte de uma interrogação de base que, por si só, dá a tônica, na exata medida, desse movimento discursivo. É o que, de início, o autor introduz a partir do seguinte estado de questão: “O mexicano é um ser fundamentalmente niilista? O niilismo é o conceito que nos permite, hoje, mais de setenta anos após o surgimento do grupo *Hiperión*, caracterizar filosoficamente o espírito – a visão, o ânimo, a conduta – do mexicano? O mexicano possui uma vontade de nada que, de imediato, se converte em um nada de vontade?”. Para melhor precisar conceitualmente ou responder tais indagações, a obra se compõe, em seu conjunto, de seis entrelaçados capítulos.

O primeiro, intitulado “Construindo a tradição ou como estudar a história da filosofia no México”, acentua o “caráter da visão mexicana da existência”, seja ela essencialista ou substancialista como professara, por exemplo, Samuel Ramos e o grupo de *Hiperión*. Tal grupo reuniu em torno de si jovens professores e alunos da Universidade Nacional Autônoma do México entre 1948 e 1952, como Emilio Uranga (1921-1988), Jorge Portilla (1918-1963), Luis Villoro (1922-2014), Ricardo Guerra (1927-2007), Joaquín Sánchez McGregor (1925-2008), Salvador Reyes Nevárez (1922-1993) e Fausto Vega y Gómez (1922-2015). A este grupo, sob a formação de José Gaos, juntou-se posteriormente Leopoldo Zea (1912-2004). Os *hiperiones* como eram chamados, por vezes identificados como “existencialistas mexicanos”, visavam uma síntese entre a filosofia mexicana e a filosofia contemporânea europeia de cariz fenomenológico-existencial.

O segundo momento busca situar a emergência do próprio “niilismo da filosofia mexicana a partir de figuras como Samuel Ramos, Jorge Portilla, Emilio Uranga e Luis Villoro”. Assim, fortemente influenciado por seu mestre Villoro, Ramírez retoma a crítica da filosofia mexicana encontrando o conceito de niilismo como categoria basilar para as noções que essa tradição manejava para dar conta de sua própria realidade cultural.

A terceira parte, “Octavio Paz: uma poética do niilismo”, traz à cena a figura desse gênio poético reconhecendo-o como o portador de uma obra de pensamento e de cultura e, com isso, fornecendo uma preciosa “lição mexicana sobre o niilismo, sua consistência e possível superação”. Ramírez identifica, nessa reflexão poética, dois gêneros de niilismo: um “niilismo ontológico” que compreende o ser como insubstancialidade e inanidade e um “niilismo moral” exposto em alguns ensaios pazianos como crítica da modernidade.

O quarto momento, tem em vista justo o debate entre “Niilismo e filosofia (Nietzsche, Heidegger e Vattimo)”. Esse colóquio, que Ramírez nomeia de “dialética do niilismo”, estabelece a ascendência do tema, ao advogar a tese de um “realismo especulativo”; realismo esse que nosso autor mexicano vê como uma corrente filosófica nova para além de todo dispositivo cético, relativista e, por isso mesmo, niilista no contexto do pós-modernismo.

Já a quinta parte discute o “Realismo especulativo: Quentin Meillassoux e Markus Gabriel”. Ramírez abre outro arco de análise de cunho filosófico-socio-cultural no intuito de superar a condição niilista na vida cultural mexicana. Daí advém uma alternativa dialética como superação interna do niilismo exigindo, pois, um novo paradigma para a própria filosofia desde o México distinta ao que marcou as aventuras teóricas dos *hiperiones*. O que está em jogo, nesse esforço teórico, é a abertura de um novo ângulo especulativo, ontológico, realista capaz de ultrapassar a perspectiva antropológica e subjetivista da cena cultural mexicana.

Ramírez encerra, com o sexto capítulo – “Superando o niilismo mexicano. Para quem é a filosofia?” – buscando trabalhar um conceito de filosofia apto a responder aos desafios do niilismo, bem como o de indicar as tarefas atuais da filosofia desde o México. Para tanto, ele ainda avalia a proposta de uma “Nova Ilustração” e de uma ética objetiva e universal formulada por Markus Gabriel sob o horizonte de um neohumanismo pos-niilista. É o que retrata, como excerto, o epílogo “Neohumanismo, pós-niilismo e filosofia mexicana”.

Ao apresentarmos, em linhas gerais, a estrutura da obra, aqui, em resenha, como avaliação geral, vale nos determos sobre o significado ambíguo, desde Nietzsche, que recobre o termo niilismo. Seja em sua acepção “ativa” no sentido de negar Deus, os valores, a transcendência; seja em sua expressão “reativa” ou “passiva” que se volta para uma negação da vida, do corpo, da existência imanente, fato é que, em que pese as suas

mais diversas formas, o niilismo insiste em nossa época como um fenômeno que nos invade, penetra profundamente nossa visão de mundo, nossos comportamentos, eletrizando toda uma cultura de massa com forte apelo populista ou ideológico. Trata-se de uma espécie de sombra que nos povoa, nos persegue em plena luz do dia. É a imagem do deserto e não dos verdes campos que nos apegamos niilisticamente falando. Onde sobressai a dificuldade do tema ou, se quiser, a difícil tarefa de repensá-lo à luz do novo século.

Ao abrir uma ferida irremediavelmente cicatrizada em solo mexicano, o livro de Ramírez não se esquivava de um dilema incontornável: “o mexicano é um ser singular incomparável ou é essencialmente igual a qualquer outro ser humano? Como fazer para que o primeiro não negue o segundo, nem o segundo o primeiro?”. Ao se confrontar com esse paradoxo *sui generis* entre o particular e o universal, Guillermo Hurtado prefacia que, “para sair desse pântano, é preciso construir uma nova filosofia que nos permita enfrentar nossa existência de outra maneira”. E essa “saída” tem no realismo uma corrente que nos possibilita, para além de uma reflexão puramente abstrata, objetivista ou subjetivista, “refletir sobre o mexicano para além do niilismo”. E não só: cabe avistar aí a dimensão universal quanto à superação de tal impasse para além das fronteiras mexicanas. Afinal, o niilismo é um evento sinistro de nossa época, planetária ou ocidentalmente civilizada. O particular aqui é um registro de um Todo que se ramifica transversalmente. Pensar outro México é pensar outra cultura possível, mais ampla, mais vasta.

Pensar o presente político mexicano implica em renovar a esperança não só latino-americana nesse pormenor, mas trabalhar, criativamente, para além de... É sob essa medida que *El nihilismo mexicano* transcende o plano de um simples diagnóstico no sentido mais psicanalítico ou nietzscheanamente genealógico do termo. O trabalho de seu autor imprime um fulgor característico próprio de um realismo propositivo. Como Hurtado bem observa: “toda a humanidade e, pelo mesmo motivo, todos nós, mexicanos, nos afogamos no niilismo que inundou todas as dimensões de nossa existência. Cortamos todas as árvores da floresta e agora vivemos em um deserto sem abrigo ou sombra”. Nessa direção, um dos méritos do trabalho de Ramírez é o de “ter descoberto, na história do pensamento mexicano, uma veia niilista, nem sempre evidente, que ainda hoje nos embriaga. Sua aposta é que a filosofia do novo realismo é a plataforma filosófica a partir

da qual podemos ir além do niilismo, não apenas do niilismo mexicano, que tem suas peculiaridades históricas, mas também do niilismo de nossos tempos”.

Ramirez compreende que “a construção de uma tradição filosófica é a condição essencial para fazer filosofia no México, para orientar e desenvolver uma verdadeira pesquisa filosófica. E só podemos construir uma tradição filosófica na medida em que a reconstruímos, que revivemos e revivemos nosso passado – inclusive o passado mais recente, o que foi feito ontem –, e nos colocamos diante do pensamento filosófico universal e diante da diversidade e complexidade dos problemas de nosso mundo e ambiente para aí exercermos nossa palavra e arriscarmos nosso pensamento”. Trata-se de “construir o lugar teórico de onde falamos e onde queremos que nossa palavra ressoe em primeiro lugar. Isso significa que devemos analisar e discutir a filosofia mexicana teórica e conceitualmente, não apenas vendo-a como um fato local, anedótico, nada mais histórico. Para tanto, temos que levar a sério os filósofos mexicanos, considerá-los efetivamente filósofos. Finalmente, significa levar a sério a nós mesmos e uns aos outros”.

Isso, evidentemente, não nos desobriga a uma franca crítica à tradição filosófica mexicana, tradição essa centrada na ideia de niilismo e o entorno de suas manifestações populares ou sociais. O que *El nihilismo mexicano* se habilita em pensar é o realismo de um pensamento da imanência radical, para além de qualquer aparelhamento ideológico tão árido que não reste mais qualquer possibilidade de vida, de criação, de arte, de sopro como agenda para os novos tempos. Em suma, é esse poder vital de criação que está nas entrelinhas da verve poética epigrafada do livro a partir de três grandes nomes da arte e da cultura mexicana; nomes esses que também sentiram existencialmente, no âmago, esse incômodo fenômeno de nosso tempo:

Si todo el mundo salimos de la nada/Y a la nada por Dios que volveremos/Me río del mundo que al fin ni él es eterno/Por esa vida nomás, nomás pasamos (Cuco Sánchez)

¿Acaso de verdad se vive en la tierra? No para siempre en la tierra: sólo un poco aquí/ Aunque sea jade se quiebra, aunque sea oro se rompe, aunque sea plumaje de quetzal se desgarran, no para siempre en la tierra: sólo un poco aquí (Nezahualcóyotl)

Me dejan tacto y ojo sólo niebla, niebla de mí, mentira y espejismo: ¿qué soy, sino la sima en que me abismo, y qué, sino el no ser, lo que me puebla? (Octavio Paz)